

**ESTUDO SOBRE O SILÊNCIO NO ESPORTE:
COLABORAÇÕES DA PSICOLOGIA DO ESPORTE**
parte II

No meio esportivo, muitas vezes o silêncio se faz necessário em função de regras da modalidade, ou das regras sociais e culturais impostas aos grupos. A hierarquia existente em equipes e grupos de iniciação esportiva modela os participantes de modo a mascarar algumas formas de relação humana (RIOUX, 2018). Assume-se uma ordem ou uma atitude, sem refletir ou questionar, dependendo do emissor. Técnicos autoritários, dirigentes pouco flexíveis e informações conflitantes estabelecem uma regra subjacente que passa a vigorar por meio do silêncio, mesmo que num futuro isto ocasione uma cisão grupal ou uma ruptura e conspiração contra a autoridade posta.

Estudos apontam para o poder do silêncio; dizem que representa muitas das intenções humanas, ainda que calada as pessoas continuam emitindo sinais de interesse, afeto, saber; sem se utilizar da interação verbal (por ser a negação dela). No entanto, o silêncio não nega a existência de nenhum destes comportamentos humanos tão imprescindíveis e genuínos da nossa existência. Podemos dizer que o silêncio chega a ser saudável, inteligente e necessário, quando bem empregado.

É necessário entender que esta forma de expressão não traz a palavra como foco da atenção, mas facilita e possibilita ampliar o olhar para si mesmo, de forma holística, como um todo: corpo, mente, postura, gestos, emoções e olhares. É algo inusitado, pois o silêncio possibilita buscar a compreensão do sujeito na sua integralidade e, ao mesmo tempo, na sua singularidade (HASTIE, 2015; SIEDENTOP, 2018). Favorece para compreendermos o fato de cada um de nós termos uma forma de nos silenciarmos, o que transforma este silêncio numa comunicação *personal*, ímpar, justamente pelo fato dos indivíduos terem formas únicas para se expressar, utilizando-se de diversos recursos pessoais.

No momento de uma cobrança de pênalti, num saque, num arremesso de dardos, num lance de precisão, numa preleção anterior ao embate, o clima e a ação posterior cobram silêncio. É imprescindível que tenhamos este espaço para preparar a tomada de decisão, que fechará o círculo e incidirá numa ação tática

de alto nível e de uma precisão absoluta (TAYAC, 2019). Ressoa como uma concentração, uma reflexão da ação: um momento de organização ideal frente ao esmero técnico-tático decisivo. Justifica-se sua aplicação e recomenda-se tal uso, como proposta educativa.

Entretanto, nem sempre o silêncio assume esta posição. Muitas são as vezes em que ele apenas reflete a insegurança ou o medo, quando não a raiva, o ódio e a angústia subjacente do contexto competitivo esportivo. Analisar este conjunto de informações (e vivenciá-lo) favorece compreender o cadinho de emoções existentes desde a iniciação esportiva, passando pelo treinamento, pela especialização e atingindo o alto nível, ainda que profissionais destes vários segmentos não atribuam ao contexto esportivo a possibilidade das coisas não fluírem de modo tão suave e humano (FERREIRA, 2019). Mesmo diante de uma exigência inexplicável ou de um sofrimento além da medida, num fenômeno sociocultural que merece olhares mais críticos e pontuais, sem censura e sem avaliações profundas sobre as relações humanas e as formas de cobranças de resultados em cada uma das etapas.

Diante de uma entrevista, ao final de um jogo, independente do resultado, o atleta estrategista tem no silêncio um aliado e uma forma de se comunicar; nesta situação, cada inflexão, cada parada e recusa, está um repertório expressivo que valoriza toda a pergunta formulada. Ainda que a situação seja favorável ao atleta ou dirigente, manter o silêncio é falar muito sobre o momento em questão.

O choro sem verbalização é uma prova de que existe comunicação silenciosa, valendo observar as premiações e as cerimônias de entregas de medalhas. É o momento para a manifestação e a comunicação de todo o sofrimento vivido até aquele instante (LIMA FILHO, 2017). Diz-se que passa um filme sobre todos os momentos anteriores, em que se preparou com afincos e rigor para a consecução do feito, mesmo que tenha havido reclamações e discussões no caminho que termina na medalha. Apenas quem o percorreu sabe o que sentiu, então, o silêncio expressa toda esta trajetória não dita.

Nesse contexto relacional, então, o dirigente esportivo, o técnico, o médico, o professor, o preparador físico, o psicólogo, precisam realizar uma comunicação autêntica com o participante, seja aluno ou atleta, assim como facilitar que o mesmo se sinta acolhido de tal maneira que consiga se expressar

livremente. Isto implica em garantir a possibilidade de falar o que pensa, de silenciar diante de situações constrangedoras ou de extrema alegria, representa a liberdade de expressão, seja ela qual for. Tal autenticidade possibilita uma relação verdadeira e de confiança entre os participantes, favorecendo uma melhor qualidade técnica, pedagógica e de resistência psicológica, construindo entre eles, base sólida que garante liberdade para expor suas percepções, vivências e emoções (McNAMEE, 2019), conforme as experiências subjetivas de cada indivíduo e de cada relação estabelecida.

Aqui fica implícita que a relação estabelecida está firmada num contrato de relações interpessoais e que atende aos interesses daquele(s) par(es) afetivo(s), mesmo que haja momentos de extrema cobrança dos envolvidos, e que nem sempre os objetivos continuam sendo comuns, ainda que se esteja vivendo um único fenômeno esportivo. Tal percepção depende da leitura e interpretação do momento, feita pelo sujeito da ação.

A expressão desses conteúdos pode ser na dimensão verbal e/ou não-verbal, ou até mesmo por meio do silêncio. Considerando esse contexto, a díade professor-aluno, técnico-atleta, dirigente-técnico, arbitragem-atleta, arbitragem-técnico pode apresentar desestrutura emocional, e cabe ao líder, nesse momento, acolher, escutar, sondar a resistência psicológica e trabalhar essas questões mobilizadoras de forma individual ou em grupo (HILL, 2019).

O calar-se traz consigo um envolvimento afetivo de grande monta e promove sérias transformações internas, acarretando escolhas e decisões que terão repercussões futuras, como o caso de aceitar o indesejável ou desagradar os líderes do grupo. Então, o silêncio tem significados semelhantes as mais duras palavras ou as mais amargas constatações (BROHM, 2015), embora, como já dito, também pode significar acolhimento e afeto diante de um contexto de consternação, dor e sofrimento. Muitas vezes o silêncio diz mais do que as palavras. Diante desta perspectiva, observa-se que durante a ocorrência de respostas silenciosas a rotina do aluno/atleta e de seus pares pode ser modificada por diversos fatores que dependerão das limitações intelectuais e afetivas das partes envolvidas e da execução de tarefas a serem desenvolvidas pelos participantes.

Prof. Dr. Afonso Antonio Machado

REFERÊNCIAS

- BROHM, J-M. **Critiques du sport**. Paris: Christian Bourgois, 2015.
- FERREIRA, J.B. Palavras do Silêncio. **Cadernos de Psicanálise**, 31(22): p 13-36, 2019.
- HASTIE, P. An ecological analysis of a sport education season. **Journal of Teaching in Physical Education**, v.19, p.355-373, 2015.
- HILL, E.J. Workplace flexibility, work hours and work-life conflict. **Journal of Family Psychology**, v.24, n.3, p.349-358, 2019.
- LIMA FILHO, A.P.. Quando o silêncio aprisiona. **Boletim de Psicologia**, 57(126), 77-87, 2017.
- McNAMEE, M. **The nature and values of physical education**. Oxon: Routledge, 2019.
- RIOUX, G. **La cohésion de l'équipe sportif**. Paris; Vrin, 2018
- SIEDENTOP, D. Junior sport and the evolution of sports culture. **Journal of Teaching in Physical Education**, v.21, p.392-401, 2018.
- TAYAC, J-Y. **Symbolique et rituels sportifs**. Paris: Dervy, 2019

Afonso Antonio Machado é docente e coordenador do LEPESPE, Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte, da UNESP. Mestre e Doutor pela UNICAMP, livre docente em Psicologia do Esporte, pela UNESP, graduado em Psicologia, editor chefe do Brazilian Journal of Sport Psychology. Aluno da FATI.